

## MORAL: VIDA E EMOÇÃO

## MORAL: LIFE AND EMOTION

*Gilberto Bettini Bonadio*<sup>1</sup>

**Resumo:** Bergson em *As duas fontes da moral e da religião* se propõe a investigar a origem da moralidade e da religiosidade humana, encarando-as como formas criadas pelo *élan vital* no curso do desenvolvimento da vida. Bergson concebe o surgimento da sociedade como algo natural, isto é, como um artifício da natureza para que o homem pudesse perseverar no mundo; assim, sua pesquisa visa encontrar e analisar os caminhos que a vida mesma armou no interior do humano, em sua constituição biológica, para que ele pudesse se apegar de diversas formas à existência. Descortinando os motivos pelos quais as variadas sociedades, bem como suas mais diferentes morais se constituem como fechadas ou visando aos interesses da espécie, e abertas, tendo na humanidade uma referência por onde o amor criativo passaria, o filósofo nos mostra como determinados homens, excepcionais, vêm ao mundo encarnado em múltiplos sentidos uma nova atitude criadora, ainda não expressa, que se revela através de uma intuição despertada por uma emoção profunda. Dessa forma, a relação entre moral, vida e emoção é o que cumpre aqui estabelecer, uma vez que as leis morais seguidas pela humanidade são, no limite, necessidades vitais colocadas pela natureza e que só alcançam um desenvolvimento melhor graças à inteligência humana que, mesmo atrelada à necessidade imposta, também pode encontrar dentro de si a abertura para uma liberdade possível.

**Palavras-chave:** Bergson. Moral. Vida. Emoção. Intuição.

**Abstract:** Bergson in *The Two Sources of Morality and Religion* proposes to investigate the origin of human morality and religiosity, seeing them as forms created by *élan vital* in the course of life's development. Bergson sees the appearance of society as something natural, that is, as an artifice of nature to which man could endure in the world, so his research aims to find and analyze the ways that life itself found in the interior of the human being, in his biological constitution, so that he could, in several ways, get attached to his existence. Uncovering the reasons why various societies, as well as its different morals are constituted as closed or aiming the interests of the specie, and open, having in humanity a reference where creative love would pass by, the philosopher shows us how certain people, exceptional ones, come to the world embodying in multiple senses a new creative attitude, yet not expressed, which is revealed through an intuition awakened by a deep emotion. Thus, the relation between morality, life and emotion is what tries to establish here, once the moral laws followed by the humanity are, at the limit, vital needs put by the nature and that only reach a better development thanks to the human intelligence that, even linked to the imposed need, can also find inside of itself the opening to a possible freedom.

**Keywords:** Bergson. Moral. Life. Emotion. Intuition.

\* \* \*

---

<sup>1</sup> Mestrando em Filosofia pela Universidade Federal de São Paulo – UNIFESP – Campus Guarulhos; Agência Financiadora: FAPESP; e-mail: gilbettini@hotmail.com.

## Introdução

Se n' *A evolução criadora* Bergson pensou o desenvolvimento do impulso original da vida em termos metafísicos, em sua obra seguinte, *As duas fontes da moral e da religião*, ele se dedica a investigar a ação desse impulso vital nas criações humanas, ou seja, elabora uma proposta sobre como se desenvolveram as forças criadoras do homem na história e pensa também a evolução da vida do espírito em termos morais.<sup>2</sup> Para o filósofo, a pergunta pela moral e pelo desenvolvimento das sociedades humanas é feita em estreita correlação com o estudo da natureza e do biológico, o que estabelece um elo necessário entre o desenvolvimento da vida natural e o desenvolvimento social. De acordo com Riquier (2009, p.409),<sup>3</sup> “a obra da vida se combina com a obra da humanidade, esta iluminando com sua inteligência a matéria para que aquela passe invisivelmente através de suas malhas e prossiga sua ascensão”.<sup>4</sup> Dessa forma, a sociedade é encarada por Bergson como algo natural, proveniente da evolução da vida, propiciada pelo impulso de pura criação ou élan vital. Para o autor, a vida mesma parece arranjar os caminhos pelos quais o homem se vê impelido a perseverar na existência, e a criação do todo social bem como das diversas morais que nele se organizam funciona como um desenvolvimento próprio do élan para manutenção da Vida.

De acordo com Bergson, as determinações sociais criadas pelo homem advêm de um sentimento de obrigação fundamentado na capacidade humana de adquirir hábitos ou regularidades que lhe permitem agir no real de modo mais efetivo, sobrevivendo com maior facilidade. Dessa forma, os hábitos são naturalmente adquiridos e em seu conjunto, como um todo unificado, pressionam o humano a obedecer as regras que visam à coesão da vida em sociedade, garantindo, assim, a sua preservação e a harmonia do todo social. Semelhante a um instinto imaginário ou virtual, o conjunto de hábitos ou, no dizer de Bergson, o “todo da obrigação” fundaria um tipo de moral que responde diretamente a uma necessidade vital ou biológica do indivíduo enquanto espécie. Contudo, a moral formada pela necessidade de sobrevivência e que configura, por isso, sociedades fechadas em constante tensão com as outras que podem lhe ameaçar, não

---

<sup>2</sup> BERGSON, Henri. *As duas fontes da moral e da religião*. Trad.: Miguel Serras Pereira. Coimbra: Almedina, 2005.

<sup>3</sup> As traduções das citações foram feitas pelo autor do artigo.

<sup>4</sup> « L'oeuvre de la vie se conjugait avec l'oeuvre de l'humanité, celle-ci illuminant la matière par son intelligence pour que celle-là passe obscurément à travers ses mailles et poursuive son ascension » (Cf. RIQUIER, Camille. *Les deux sources de la morale et de la religion et le primat de l'éternité*. In: *Arqueologie de Bergson*. Paris : Puf, 2009, p. 409).

constitui, para Bergson, a única moral possível ou o único meio pelo qual a vida garante sua manutenção através do homem.

A existência de uma moral aberta, que se destina à humanidade inteira e não pertence apenas a um grupo social específico, é o outro polo que define, de acordo com o autor, uma fonte segunda para a moral que não aquela fundada na estrita obrigação e que forma as sociedades fechadas. Essa nova moral é o resultado de um impulso, de uma emoção criadora própria ao movimento da vida e que leva espontaneamente o homem a comunicar novos valores que redirecionem a humanidade. A moral aberta, segundo Bergson, seria atestada historicamente pela existência de indivíduos excepcionais que incitaram a ação de outros homens não pela obrigação do dever, mas por um ímpeto de renovação e criação oriundo do próprio élan vital e que por eles passa. Sendo assim, esses indivíduos são impelidos pelo movimento da vida à criação, modificando as formas ou os modos de existência até então estacionários, incentivando outros homens a partilhar do mesmo sentimento de amor à humanidade que os inclina naturalmente à abertura, ultrapassando, assim, nas relações entre o indivíduo e a sociedade, as determinações do aspecto puramente biológico na evolução da vida.

Inicialmente, portanto, é possível observar que, para Bergson, existem duas fontes da moral, ambas arraigadas ao movimento próprio da vida, garantindo sua manutenção e evolução. Posto isto, o esclarecimento da relação entre vida, moral e emoção no primeiro capítulo de *As duas fontes da moral e da religião* pode fornecer elementos necessários para uma compreensão do pensamento de Bergson acerca da liberdade humana, uma vez que, na obra em questão, o indivíduo parece estar intrinsecamente ligado ao movimento da vida ou às determinações do élan vital, seja quando persevera no mundo para sobreviver, seja na tentativa de superar as limitações de sua condição criando novas formas e possibilidades de existência.

### **O todo da obrigação e a moral fechada**

Para Bergson a sociedade é parte da natureza e suas leis agem sobre nós como as leis naturais agem sobre um organismo. Contudo, este é regido por leis necessárias enquanto uma sociedade é composta por vontades livres, assim sendo, é no que concerne à organização dessas vontades que se pode dizer que imitam um organismo: os hábitos da vida social assemelhar-se-iam ao papel da necessidade nas obras da natureza. A vida em sociedade será entendida como “um sistema de hábitos mais ou menos

fortemente enraizados que dão resposta às necessidades da comunidade. [...] Alguns de entre eles são hábitos de comando, a maior parte são hábitos de obediência [...]” (BERGSON, 2005, p. 24). Variados nas diversas sociedades os hábitos assemelham-se às leis naturais, pois são como uma tendência humana a formar regularidades, organizando as diversas vontades e constituindo a forma pela qual nos submetemos ao todo social garantindo sua coesão. Assim, os diversos hábitos adquiridos respondem direta ou indiretamente a uma exigência social e exercem uma pressão sobre a nossa vontade. Podemos até mesmo querer seguir livremente os ímpetos de nossos desejos e não pensar em outros indivíduos, entretanto, dirá Bergson (2005, p. 27), mal o desejo chegou a formar-se e uma força oposta lhe incide, constituída de todas as forças sociais acumuladas: “[...] essa força acederia a uma ordem que não deixaria de ter analogia com a dos fenômenos naturais. [...] o sentimento dessa necessidade, acompanhado pela consciência de se lhe poder subtrair, nem por isso é menos aquilo que ele chama obrigação”. Os hábitos tomados individualmente são contingentes, mas o seu conjunto ou o hábito de contrair esses hábitos, sendo o fundamento da própria sociedade e determinando sua existência, apresenta uma força comparável à do instinto em sua intensidade e regularidade. Ao conjunto de hábitos que exerce pressão sobre o nosso agir Bergson nomeia o “todo da obrigação” ou a “obrigação em geral”, como se todos os hábitos juntos formassem um bloco. As obrigações impostas pela sociedade a cada um de seus constituintes garantem-lhe uma regularidade e uma coesão, uma ordem que, assim como um organismo, se esforça por perseverar. Dessa forma,

Bergson pode dizer que a comunidade humana se comporta *como* um organismo que se esforça por perseverar em seu ser, isto é, mantém entre suas partes uma organização funcional que liga umas às outras de acordo com alguns padrões que, pelos seus efeitos, se assemelham às leis da natureza. [...] a sociabilidade propriamente humana é aqui compreendida de maneira analógica a partir das modalidades próprias à vida orgânica [...] (CAEYMAEX, 2012, pp. 319-320, grifo da autora).<sup>5</sup>

Mas, justamente pelo fato da sociedade humana ser composta por seres predominantemente inteligentes e não predominantemente instintuais como

---

<sup>5</sup>« Bergson peut-il dire que la communauté humaine se comporte *comme* un organisme qui s’efforce de persévérer dans son être, c’est-à-dire maintient entre ses parties une organisation fonctionnelle qui lie celles-ci les unes aux autres d’après des normes dont certaines, par leurs effets, ressemblent aux lois de la nature. [...] la socialité proprement humaine est ici comprise de façon *analogique* à partir des modalités propres à la vie organique » (Cf. CAEYMAEX, Florence. La société sortie des mains de la nature. In: *Annales bergsoniennes* V, Paris: Puf, 2012, pp. 311-333).

encontramos nas sociedades de abelhas e formigas,<sup>6</sup> a obrigação, que se traduz posteriormente em dever, corre sempre o risco de ser quebrada ou não cumprida em virtude dos interesses egoístas de cada um. A partir disso, quando somos tentados a desobedecer, a ação e o poder de nossa inteligência se manifestam refletindo sobre os limites do desejo, nos fazendo realmente sentir a pressão exercida pelo todo da obrigação como uma verdadeira coação. Sem o trabalho intelectual nossa tendência à obediência passaria despercebida como acontece com as abelhas e as formigas que cumprem o seu dever trabalhando instintivamente para a garantia do equilíbrio de suas sociedades. No entanto, é a própria inteligência que, mesmo hesitando, coloca para si a necessidade de obedecer, de resistir ao desejo que perturbaria a ordem, ao mesmo tempo em que também pensa as possibilidades de sua satisfação. Assim sendo, segundo Bergson (2005, p. 32) “a obediência ao dever é uma resistência de cada um de nós a si mesmo”.

Dessa afirmação facilmente se seguiria a impressão de uma razão libertadora que atribui a si mesma a capacidade de resistência ao desejo de resistência às obrigações infligidas pelo hábito, originando um ato moral, de modo que a própria inteligência desenvolveria as razões pelas quais não se deve ceder aos interesses do egoísmo. Contudo, adverte Bergson, a obrigação é coisa distinta de uma exigência racional; os fundamentos da razão não são a origem da moral, mas é a pressão social que nos inclina ao cumprimento do dever. Assim,

[...] nem o dever nem a obrigação *procedem* da inteligência ou da racionalidade. Se a racionalidade pode de vez em quando intervir e apoiar a obrigação, disso não se segue, diz Bergson, que a obrigação seja “de ordem racional”. Dever, obrigação, moralidade não sucedem de uma razão prática, mas de uma exigência de sociabilidade que a natureza *opõe* a algumas tendências da inteligência [...]. O sentimento de obrigação é o que vem contrariar ou compensar a cada instante, sem anular, a tendência da inteligência de perturbar a autoconservação da organização social, de se opor às exigências da natureza (CAEYMAEX, 2012, pp. 322-323, grifo da autora).<sup>7</sup>

---

<sup>6</sup>Em Bergson a inteligência e o instinto são duas *tendências* evolutivas do élan vital ou impulso criador e, portanto, possuem a mesma origem. A linha da inteligência tem o ápice de seu desenvolvimento com o surgimento do humano e a formação das sociedades que continuam a impulsionar o movimento de criação do élan, enquanto a linha instintual encontra-se mais plenamente desenvolvida nas formas animais socializadas como as abelhas e as formigas. Desse modo, a inteligência mesmo com todo o seu desenvolvimento é rodeada por uma “franja de instinto”, assim como o instinto possui também resquícios de inteligência ao redor de si, pois constituem tendências que se desenvolveram a partir de uma única fonte, o impulso originário da evolução criadora da vida (Cf. BERGSON, Henri. *A evolução criadora*. São Paulo: Martins Fontes, 2009).

<sup>7</sup>« [...] ni le devoir ni l'obligation ne *procèdent* de l'intelligence ou de la rationalité. Si la rationalité peut à l'occasion intervenir et soutenir l'obligation, il ne suit pas, dit Bergson, que la obligation soit « d'ordre

A atividade segunda e reativa de resistência à resistência criada pela própria inteligência em sua tendência ao desvio das obrigações pode ser complementada pela coerência lógica que a razão atribui às determinações morais, sistematizando-as e viabilizando o retorno à obrigação, mas não constitui aquilo mesmo que leva os seres humanos à obediência e à disciplina. Essa força que nos inclina a obedecer é exercida pela pressão social, ou seja, é o todo da obrigação que “adestra” os indivíduos a cumprirem o dever e não as postulações de uma razão pretensamente universal. Contrariando Kant, Bergson afirma que dever, obrigação e moral não diz respeito a uma razão prática, sendo o imperativo categórico kantiano insuficiente para fundamentar a experiência moral em toda a sua profundidade e multiplicidade, uma vez que a ordem moral depende, antes, da ordem social que se apresenta em diferentes formas, em diversas sensibilidades sociais.

O essencial é compreender que, se a lógica pode autorizar a formulação da ética – tarefa essencial para Kant, secundária para Bergson – introduzir a lógica em nossa conduta não é suficiente para lhe sustentar, para lhe fornecer uma base segura. Nenhuma lógica pesa suficientemente forte diante da emoção, ou diante do hábito [...] (PHILONENKO, 1994, pp. 361-362).<sup>8</sup>

A obrigação revela que a necessidade de se constituir um todo social possui um papel análogo ao trabalho do instinto nas espécies animais, com a diferença de que em nós, humanos, trata-se de um desenvolvimento natural da inteligência para perseverar na vida. Assim, garantir a coesão do todo é responder a uma necessidade vital específica: a obrigação se impõe à inteligência como algo que lhe é natural. Contudo, lembra o filósofo, o instinto não se refere a uma obrigação particular, pois nenhuma obrigação é de natureza instintiva, mas poder-se-ia dizer que “o todo da obrigação *teriam sido* instinto se as sociedades humanas não tivessem de certo modo um lastro de variabilidade e de inteligência. É um instinto virtual, como o que está por trás do hábito

---

rationnel ». Devoir, obligation, moralité ne relèvent pas d'une raison pratique, mais d'une exigence de sociabilité que la nature *oppose* à certaines tendances de l'intelligence [...] Le sentiment d'obligation est ce qui vient contrarier ou compenser à chaque instant, sans l'annuler, la tendance de l'intelligence à perturber l'autoconservation de l'organisation sociale, à s'opposer aux exigences de la nature » (CAEYMAEX, 2012, pp. 322-323, grifo da autora).

<sup>8</sup> « L'essentiel est de comprendre que, si la logique peut autoriser la formulation de l'éthique – tâche essentielle pour Kant, secondaire pour Bergson – introduire de la logique dans notre conduite ne suffit pas à l'étayer, à lui procurer une sûre assise. Aucune logique ne pèse bien lourd devant l'émotion, ou devant l'habitude [...] ». (Cf. PHILONENKO, Alexis. *Bergson ou la philosophie comme science rigoureuse*. Paris: Le Cerf, 1994, pp. 361-362).

de falar” (BERGSON, 2005, p. 38, grifo do autor).<sup>9</sup> A obrigação pura, dirá Bergson, é um instinto virtual que, entretanto, supõe a inteligência e a liberdade e apenas em seu modo de ação imita o instinto animal, pois é a forma pela qual a natureza constituiu em seres inteligentes a maneira de assegurar a coesão social e sua perseverança.

Tanto o hábito quanto o todo social são assegurados pela vida e, desse modo, a tendência ao coletivo é algo que trazemos naturalmente conosco. Nossas ações que visam à coesão e à solidariedade entre os seres de vontade livre, mesmo com todo o processo de espiritualização da sociedade, são ainda, segundo Bergson, pautadas pela obrigação pura, fazendo permanecer a intenção da natureza. Por isso o filósofo definirá as sociedades fundadas sobre a obrigação pura como sociedades fechadas que visam, antes de tudo, a manutenção de indivíduos e grupos ao mesmo tempo em que exclui outros. Essa sociedade fechada constituída sobre o todo da obrigação educa os indivíduos de modo que eles não procurem admitir mudanças no meio social, pois isso traria a possibilidade de aniquilação do equilíbrio do todo. A admissão de que para preservar-se vale tudo configuraria também uma moral fechada, restrita aos interesses da espécie e, conseqüentemente, dos grupos, compondo para nós “uma atitude que é a disciplina perante o inimigo” (BERGSON, 2005, p. 41). Sendo assim, na base da obrigação social em que percebemos a força de um instinto virtual que a move, estaria também a direção estabelecida para o desenvolvimento de uma sociedade fechada, visto que o instinto é frequentemente imutável. No entanto, dirá Bergson, há a possibilidade de outra sociedade que, para além das restrições impostas pela conservação, se dirigiria não apenas ao grupo, mas abarcaria outra moral que visaria à humanidade inteira.

### **A moral aberta e a emoção criadora**

A nova moral não pensa o homem no registro da oposição e da agressividade para a preservação e coesão da espécie, mas o coloca como criador de novos valores que

---

<sup>9</sup> Sobre isso, Bergson explica que todos os humanos têm a tendência à linguagem, à fala, bem como a tendência à moral, ambas garantidas pela própria natureza no seu intuito de coesão e preservação da vida, sendo as formas de linguagem e as diversas morais produtos sociais. “A moral de uma sociedade humana é, com efeito, comparável à sua linguagem. Deve notar-se que se as formigas trocam signos, como parece provável que o façam, o signo lhes é fornecido pelo instinto que as faz comunicar conjuntamente. Pelo contrário, uma língua é produto do uso. Nada, nem no vocabulário nem na sintaxe, vem da natureza. Mas é natural falar, e os signos invariáveis, de origem natural, que provavelmente se utilizam numa sociedade de insectos representam o que teria sido a nossa linguagem se a natureza, outorgando-nos a faculdade de falar, não tivesse acrescentado essa função fabricadora e utilizadora, e por isso inventiva do utensílio, que é a inteligência” (BERGSON, 2005, p. 38).

têm por finalidade a concepção de outro tipo de atitude implicada na transformação do que era entendido como pura obrigação num impulso de amor pela humanidade toda. A passagem da moral fechada a essa outra moral não pode ser entendida então como uma continuidade, pois as duas apresentam diferenças significativas no que tange à sua elaboração e forma de ação; não constituem graus diferentes de uma mesma moral, a moral nova ou aberta configurando um nível superior ao da moral fechada, mas são essas morais diferenciáveis pela sua natureza oposta: uma tende ao fechamento, pautada sobre a ideia de sobrevivência para manutenção da espécie a qualquer custo, já a outra se mostra como abertura para uma mudança nas relações hostis dos homens impostas pela natureza.

De acordo com Bergson (2005, p. 42), “é preciso que, de um salto, nos transportemos mais longe que ela [a humanidade] e a atinjamos sem a termos tomado por fim, ultrapassando-a. Aliás, [...] é uma outra moral, é um outro gênero de obrigação, que vêm então sobrepor-se à pressão social”. A passagem da moral fechada à moral aberta implica, portanto, num salto metafísico e definitivo justamente por se tratar de um movimento que contraria as intenções primeiras da evolução da vida, a saber, a constituição de uma sociedade fechada que garantisse, assim como na natureza, sua coesão e sobrevivência. Como uma surpresa do inesperado o que se viu foi o próprio movimento vital suplantando essa decisão, fazendo com que houvesse uma promoção da vida além de suas intenções e daquilo que a natureza moldara, possibilitando a concepção de uma moral que não se fundamentasse na obrigação pura:

Porque ela corresponde a um movimento que precisamente nos chama a romper os limites definidos pela moral da sociedade fechada, ela é da ordem da propulsão ou da aspiração: dinâmica inversa àquela da pressão, e de uma natureza totalmente outra. Longe de se anunciar a nós sob a forma de uma obrigação ou de um dever estritamente determinado, ela se caracteriza por um movimento da alma, uma atitude de abertura (CAEYMAEX, 2012, p. 326).<sup>10</sup>

Essa moral, portanto, não pressiona, é um apelo que contagia a subjetividade e que pela comoção nos faz seguir os valores expressos por um homem excepcional, que

---

<sup>10</sup> « Parce qu'elle correspond à un mouvement qui précisément nous appelle à rompre les bornes définies par la morale de la société close, elle est de l'ordre de la propulsion ou de l'aspiration : dynamique inverse à celle de la pression, et d'une tout autre nature. Loin de s'annoncer à nous sous la forme d'une obligation ou d'un devoir strictement déterminé, elle se caractérise plutôt par un mouvement de l'âme, une attitude d'ouverture » (CAEYMAEX, 2012, p. 326).



seria em última instância, um místico.<sup>11</sup> Justamente porque este nos direciona um chamado a uma nova forma de vida, com valores mais humanos, essa moral pregada por ele não seria apenas social, mas impulsionada por valores universais que conclamariam nosso eu mais profundo a estabelecer um vínculo com o todo da humanidade num sentimento de amor, saindo de uma postura totalitária encerrada nos limites da moral fechada.<sup>12</sup> Trata-se aí não de um amor a algum objeto definido, mas de um movimento da alma que tentaria coincidir com o movimento da vida, amor que se basta a si mesmo e que cria atitudes que ultrapassam o círculo fechado dos valores do grupo, a lógica intelectual e os interesses de sobrevivência. Ultrapassando a relação do indivíduo com a sociedade e com a espécie, esse amor sem objeto tem na humanidade uma referência pela qual ele *passa*, tratando-se de um gênero de sentimento diferente do amor à família, aos amigos e à pátria; aqui se fala de uma inclinação à abertura, de uma emoção que põe a alma de quem ama em coincidência com o élan criador da vida, em contato com uma ação da sensibilidade que ultrapassa a obrigação pura. Por isso, o apelo do místico ou seu chamado à abertura é inevitável: há a exigência de fazer jus a um dever, mas sem o constrangimento que este implica, pois é um movimento do afeto que toma o ser, atravessando sua interioridade que espontaneamente se abre a esse movimento. Ou seja, essa nova moral é também uma expressão da vida que agora não mais determina o indivíduo em estreitos limites, mas o conclama a exercer sua liberdade possível:

[...] a moral fundada sobre o apelo se caracteriza mais profundamente ao se opor à moral fundada sobre o todo da obrigação. Sem dúvida ela é como esta última uma expressão da vida, uma vez que, por um lado, a natureza permitiu, senão desejou, a individualidade como livre expressão, reconhecível por sua tonalidade estético-racional, e lá onde

---

<sup>11</sup> Bergson afirma que em todos os tempos apareceram estes homens excepcionais encarnando esta nova moral. Por místico ele entende os santos do cristianismo, os sábios da Grécia, os profetas de Israel, os ascetas do budismo, entre outros. Mas será no Cristo dos Evangelhos que o autor verá a referência completa que melhor caracteriza, segundo ele, a moral aberta ou absoluta.

<sup>12</sup> Sucintamente, o reencontro com a totalidade do eu seria, em Bergson, o acesso ao que ele denomina “eu profundo”, o eu que, imerso na “duração”, se diferenciaria do “eu superficial”, a saber, nossa consciência costumeira responsável pelas emoções suscitadas por representações e que atende às demandas de atenção à vida. O eu profundo estaria em contato com a transitividade interna do ser, o movimento que faz com que ele e as coisas fora dele “durem”, ou seja, transitem numa temporalidade qualitativa e não serializada ou quantitativa como os dados espaciais. A nossa percepção da realidade, para Bergson, estaria justamente pregada a esse erro que espacializa também o tempo, concebendo os objetos a nossa volta como estáticos. Contudo, dirá o filósofo, a percepção real que nos colocaria em contato com a duração e com o incessante movimento criador do élan vital só é possível pelo reencontro com nosso eu profundo, com nossa própria duração que nos permitiria uma visão abarcadora do todo impedida pelas demandas habituais da inteligência em seu trabalho de atenção aos fatos imediatos da vida (Cf. BERGSON, Henri. *Ensaio sobre os dados imediatos da consciência*. Lisboa: Edições 70, 1988).

há liberdade, lá está também a vida (PHILONENKO, 1994, pp. 354-355).<sup>13</sup>

Sendo assim, o apelo ético é direcionado aos indivíduos pelo impulso encorajador de uma emoção suscitada. A emoção de que fala Bergson é um reencontro com a totalidade do eu e não algo que lhe vem de fora, separado, ela põe em movimento a alma e se confunde com ela. Não se trata de um sentimento consecutivo a uma ideia ou a uma imagem representada que resultaria num estado intelectual igual a outros; trata-se de um anseio gerador de pensamentos, prenhe de representações ainda não formadas que podem vir a ser pelo seu desenvolvimento natural. A emoção criadora que antecede todas as formas, constituindo-as, é energia original que impulsiona o esforço de criação, o processo de sofrimento pelo qual uma forma se engendrará, incentivando o trabalho da inteligência num desdobramento do élan vital.

Tal emoção alarga a percepção e diz respeito diretamente ao espírito, como uma expansão da racionalidade que geraria o pensamento que se move na própria duração. A coincidência emotiva pela qual mergulhamos na transitividade interna do ser é uma coincidência dinâmica com a atividade originária que, sobretudo, se deve dar como criação e também como impulso para que a criação se efetive. Contudo, de acordo com o autor, somente a “franja intuitiva” que cerca a inteligência pode fazer com que esta rompa com seus limites instrumentais a que está acostumada e permita uma visão que supere a atividade costumeiramente reflexiva, reinserindo o homem no contato com o absoluto. Essa emoção que desencadeia a intuição é o que está na origem da moral aberta, pois é impulso para a concepção de um novo valor que não encontra expressão na moral constituída e, ao mesmo tempo pode levar ao conhecimento profundo da realidade, isto é, ao reencontro da duração, do puro movimento e da energia criadora da vida.<sup>14</sup>

Desse ponto de vista, é possível entrever que, para Bergson, é preciso que o humano se instale na transitividade interna do tempo e o único modo pelo qual ele

---

<sup>13</sup> « [...] la morale fondée sur l'appel se caractérise plus profondément en s'opposant à la morale fondée sur le tout de l'obligation. Sans doute est-elle comme cette dernière une expression de la vie, puisque, d'une part, la nature a permis, sinon voulu, l'individualité comme libre expression, reconnaissable à sa tonalité esthétique-rationnelle, et là où liberté il y a, là est aussi la vie » (PHILONENKO, 1994, pp. 354-355).

<sup>14</sup> Lembra Franklin Leopoldo e Silva (1994, p. 296) que “a unidade do élan com a qual a intuição comunica não é uma unidade quantitativa exterior, mas a qualidade interna do movimento ou a essência íntima do tempo”. Assim, ao colocarmo-nos na interioridade do eu, situamo-nos também no “absoluto como interioridade pura” (Cf.: LEOPOLDO E SILVA, Franklin. *Intuição e discurso filosófico*. São Paulo: Loyola, 1994, p. 289-302).

poderá fazer isso é por meio da intuição que, em grande visão abarcadora, em coincidência com a realidade movente e fecunda dentro e fora de nós, permitiria a dinamicidade necessária para a invenção.<sup>15</sup> Diante disso, a inteligência antes restrita ao direcionamento das ações para a atenção à vida agora é conclamada para auxiliar a transmitir compreensivelmente essa visão abrangente da realidade ao resto dos humanos. A exigência de ação, consequência da emoção criadora, conta com o apoio da atividade inteligente que em seu sofrimento e esforço criativo proporcionará a forma material em que a verdade da existência irá aparecer: assim na arte como na moral aberta nada se efetivará sem que a criatividade do artista e o amor do místico sejam resignificados em formas materiais, isto é, em linguagem, signos, imagens...

É ela sobretudo [a emoção] que vivifica, ou antes vitaliza, os elementos intelectuais com os quais fará corpo, recolhe a todo momento o que virá a poder organizar-se com eles e obtém, por fim, do enunciado do problema o seu desabrochar em solução. O que não será isto na literatura e na arte! A obra genial saiu, as mais das vezes, de uma emoção única no seu gênero, que teríamos crido inexprimível, e que, quis exprimir-se. Mas não acontecerá o mesmo com toda a obra, por imperfeita que seja, em que entra uma parte de criação? Quem quer que se tenha exercitado na composição literária terá podido comprovar a diferença entre a inteligência deixada a si mesma e a que é consumida pelo fogo da emoção original e única, nascida de uma coincidência entre o autor e seu sujeito, quer dizer de uma intuição (BERGSON, 2005, p. 52).

Por isso a visão intuitiva, obscura e confusa, apenas com o esforço intelectual pode se manifestar em forma acessível; de acordo com o filósofo (2005, p. 52), “o esforço é na circunstância doloroso, e o resultado aleatório. Mas é então somente que o espírito se crê criador”. Assim, a própria inteligência numa peleja contra seus próprios limites se esforçará por reformular suas representações pretendendo poder dizer o indizível da emoção criadora que não admite a pura contemplação, mas só se realiza existindo. Tal ato humano criador por excelência configura embate doloroso com a matéria porque coloca a inteligência num movimento que parte da intuição, ou seja, da decisão de rompimento com a própria intelectualidade estabelecida e que, por isso

---

<sup>15</sup>Conforme nos esclarece Deleuze em seu estudo sobre a obra de Bergson, a intuição não deve ser confundida com a duração. A intuição seria, sobretudo, o movimento pelo qual nos é possível deixar nossa própria duração, ou melhor, nos servirmos dela para poder afirmar e reconhecer a existência de durações diversas acima ou abaixo de nós. Dessa forma, a intuição em Bergson se constitui, para Deleuze, como método cuja falta faria com que a duração permanecesse como simples experiência psicológica e, inversamente, sem o contato com a duração a intuição estaria incapacitada para colocar os verdadeiros problemas da filosofia (Cf. DELEUZE, Gilles. *Bergsonismo*. Trad.: Luiz B. L. Orlandi. São Paulo: Ed. 34, 2008).

mesmo, a impulsiona para a geração daquilo que ainda não é. A emoção que dá origem à intuição se prolonga em centelha criadora por parte da vontade e em forma pelo lado da representação, ela também é a causa orgânica que impulsiona o pensamento não mecânico, sendo a responsável pelo arrebatamento da alma antecedente às representações que nunca serão, contudo, a tradução completa da emoção criadora original.

A esquematização ou a representação do intuído, para Bergson, pode trair a emoção verdadeira precisamente porque a imobiliza em formas, sedimentando o movimento do élan vital dado originalmente na visão intuitiva. Isso acontece, pois a coincidência da subjetividade mais profunda com a visão do movimento (intuição) precisa ser articulada, atualizada materialmente para que os elementos desse movimento que se deu em visão possam ser refundados e conquistarem expressão. As formas que preexistem à emoção criadora possuem uma solidez flexível, uma materialidade que é sempre a mesma, mas que muda constantemente seu significado graças à vivificação desses instrumentos materiais pela inteligência; dessa maneira a expressão desses elementos será sempre o resultado de um esforço, a luta contra um significado cristalizado que poderá ser perpassado pelo élan vital, adquirindo algo da multiplicidade que estava presente na intuição e que ainda continua ali para poder ser captado pelo outro. Assim, a arte e a moral aberta como domínios mais longínquos da instrumentalidade finita, segundo Bergson, é que expressarão em forma mais genuína a emoção que cria para o homem novos sentidos e significados oriundos da intuição da realidade da existência.

### **Pressão e aspiração**

Conforme diz Bergson (2005, p. 54), antes de toda metafísica nova “há a emoção, que se prolonga em impulso do lado da vontade, e em representação explicativa na inteligência”, mas que, mesmo assim, não nos permite negar que uma boa parte de nossas regras morais são deveres cujo caráter imperativo se explica pela pressão social exercida sobre os indivíduos, numa exigência da sociedade que visa à sua preservação. Portanto, a parte da moral que revela certos estados emotivos a que cedemos não por pressão, mas por atração, nos passa despercebida por não podermos redescobrir no fundo de nós mesmos a emoção original que irremediavelmente necessitou ser traduzida em fórmulas.

Justamente porque nos encontramos diante da cinza de uma emoção extinta, e porque a potência propulsiva dessa emoção vinha do fogo que ela trazia em si, as fórmulas que ficaram seriam geralmente incapazes de abalar a nossa vontade se as fórmulas mais antigas, exprimindo exigências fundamentais da vida social, não lhes comunicassem por contágio alguma coisa do seu carácter obrigatório. Estas duas morais sobrepostas parecem agora não fazer mais do que uma, tendo a primeira emprestado à segunda um pouco do que ela tem de imperativo e tendo, por outro lado, recebido da sua parte, em troca, uma significação menos estritamente social, mais largamente humana (BERGSON, 2005, p. 55).

Bergson parece dizer que as máximas da moral aberta não se exercem isoladas, mas que se misturam com as máximas da moral fechada. Esta empresta à outra alguma coisa da sua força de coerção enquanto também recebe qualquer coisa da emoção que vivifica os homens e os faz quebrarem as resistências da natureza, elevando a humanidade a novos destinos. Nos dois extremos desta moral combinada, única, estariam então a pressão e a aspiração: a primeira sempre mais eficaz quanto mais impessoal e próxima da natureza, das forças do hábito que lembram as do instinto; a segunda é poderosa no que transmite pessoalmente ao humano, triunfando sobre a natureza.

Assim a pressão e a aspiração, a moral fechada e a moral aberta nunca se manifestam realmente em estado puro: pensadas como « limites extremos », elas apresentam antes de tudo um interesse teórico. [...] É necessário dizer que há, no coração de toda sociedade, dualidade do fechamento e da abertura; que o social propriamente humano, ligado ao élan da vida, se determina sempre em função de uma tensão *entre* uma tendência a se conservar e uma tendência a se abrir e a se transformar (CAEYMAEX, 2012, p. 331, grifo da autora).<sup>16</sup>

A moral compreende então, segundo Bergson, duas partes distintas: uma tem seu motivo na estrutura original da sociedade humana em que a obrigação representa a pressão dos elementos da sociedade uns sobre os outros a fim de manter a coesão do todo, e seu efeito é prefigurado pelo sistema de hábitos cujo conjunto assemelha-se a um instinto que, como tal, foi arranjado pela natureza; na outra há ainda a obrigação,

---

<sup>16</sup> « Ainsi ni la pression et l'aspiration, ni la morale close et la morale ouverte ne se manifestent-elles jamais réellement à l'état pur : pensées comme « limites extrêmes », elles présentent avant tout un « intérêt théorique ».

[...] il nous faudra dire qu'il y a, au coeur de toute société, dualité de la clôture et de l'ouverture; que le social proprement humain, rapporté à l'élan de vie, se détermine toujours en fonction d'une tension *entre* une tendance à se conserver et une tendance à s'ouvrir et à se transformer » (CAEYMAEX, 2012, p. 331, grifo da autora).

mas ela é força de um impulso, de uma aspiração não constringedora que desembocou na espécie humana e em toda a sua constituição orgânica e social, é o élan vital, o impulso criador que intervém diretamente e não mais por intermédio dos mecanismos que montara e que o encerraram temporariamente na constituição da sociedade fechada sobre a estrutura da obrigação. Enquanto o primeiro polo apresenta-se como praticamente imutável, o segundo exige o movimento, é um ímpeto em frente que estabelece uma diferença vital entre as duas fontes da moral. Entre elas há toda a dicotomia entre o fechado e o aberto, o movimento e o repouso, há a própria inteligência em que pressão e aspiração se encontrarão reunindo num mesmo conjunto o que é causa de pressão e objeto de aspiração, resultando em representações mistas que nos farão perder de vista o estado puro destes dois extremos da moral.

Tudo se passa *como se* no solo da natureza estivesse plantada a raiz da moral, que seria, no fundo, a vida. De acordo com Philonenko (1994, p. 358), Bergson ao encontrar a raiz da ética em sua unicidade se detém ao “como se”, pois renunciar a ele seria não só colocar os grandes místicos como simples intermediários do vital, mas ainda encerrar a transcendência inteira nos limites da vida. Assim, ele mantém a dualidade do fundamento da moral sem recorrer a uma metafísica para determinar a ligação entre pressão e aspiração:

[...] quando dissipamos as aparências para tocar as realidades, quando fazemos abstracção da forma comum que as duas morais, graças a trocas recíprocas, tomam no pensamento conceptual e na linguagem, encontramos nos dois extremos desta moral única a pressão e a aspiração: a primeira tanto mais perfeita quanto mais impessoal, mais próxima dessas formas naturais a que chamamos hábito e até mesmo instinto, a segunda, tanto mais poderosa quanto mais visivelmente suscitada em nós por pessoas, e quanto mais pareça triunfar sobre a natureza. É verdade que se descêssemos até a raiz da própria natureza, nos aperceberíamos *talvez* de que é a mesma força que se manifesta directamente, girando sobre si própria, na espécie humana uma vez constituída, e que age depois indirectamente, por intermédio de individualidades privilegiadas, impelindo a humanidade em frente (BERGSON, 2005, p. 55, grifo meu).

### Considerações finais

Desse modo, quem dita regras ao homem é sempre a Vida: é ela que lhe dá e lhe encerra a liberdade, seja pelos aspectos biológicos e instintuais que sua inteligência carrega, como os hábitos e a obrigação, seja pelas possibilidades de criação através de

uma intuição impulsionada por uma emoção criadora própria ao élan vital. Na crítica ao intelectualismo em moral, Bergson propõe que obrigação e criação não provêm diretamente da inteligência: da obrigação, por exemplo, ela só explica a resistência que nos faz titubear perante o cumprimento do dever, limitando-se ela própria a resistir às hesitações do desejo. No que concerne à criação, a inteligência atua no esforço para configurar materialmente uma emoção que invade almas privilegiadas e lhes permite uma intuição do substrato da realidade, exigindo comunicação.

O místico ganha importância para Bergson, pois pode servir de modelo a outros homens, comunicando uma nova moral que influenciaria os destinos da humanidade ao se imiscuir nas regras já determinadas e estanques da sociedade, reacendendo a brasa da criação para novas atitudes morais que visariam à humanidade inteira num impulso de amor. A possibilidade de uma moral aberta induz ao estado de alma que contradita as determinações naturais e impulsiona o homem a dar prosseguimento no élan criador do qual ele mesmo é fruto. A abertura sentida pelo místico o impulsiona a comunicar o transbordamento de generosidade, o amor sem objeto que passa por toda a humanidade num movimento ascendente em direção a Deus, em direção ao contato íntimo com a fonte originária da vida, àquilo que não é senão amor, do qual o amor não provém, mas que é o próprio amor traduzido num levante de criação e vida. Nessa atitude de amor, nesse impulso que criaria nova moral, a relação com o outro mudaria, já que normalmente é vivida sob o signo dos próprios interesses de sobrevivência. Também mudaria o outro na medida em que se deixasse abarcar por esse sentimento novo, por essa moral que tem como base a aspiração ao universal e não a pressão da obrigação para a coesão e perseverança do todo, pois qualquer homem carrega consigo a abertura intuitiva que o permitiria vislumbrar os aspectos mais essenciais da realidade movente.

Entretanto, para Bergson, o homem se localiza entre os dois extremos: sua inteligência está entre o puro estático (o fechamento) e o puro dinâmico (a abertura), porque hoje percebemos claramente que a finalidade humana já não é apenas a pura conservação, assim como nos damos conta de que estamos longe da aspiração intuitivamente originada pela emoção criadora de uma moral aberta. Esta irá se inscrever ao longo do tempo no todo da obrigação, aperfeiçoando as leis que, saindo do domínio fechado da pura obrigação e aspirando a ideais mais elevados, se dirigiram à humanidade como uma família. O élan que por meio de mecanismos naturais dá origem à moral de pressão acaba por se estabilizar em uma forma fechada, estacionária, em que nada mais se cria, pois os objetivos estão concluídos e tendem a se reproduzir. Já na

moral de aspiração esse élan reencontra sua força criativa e adquire outra expressão, no encontro com a subjetividade profunda de homens extraordinários como os místicos, os profetas e o Cristo dos Evangelhos, ele se alarga, ali tem sua expansão em impulso criador de novas formas, constituindo uma marcha para frente, um progresso que reverbera no todo social;

[...] a própria dualidade é reabsorvida na unidade, porque ‘pressão social’ e ‘impulso de amor’ não são mais que duas manifestações complementares da vida, normalmente consagrada a conservar nas grandes linhas a forma social que foi característica da espécie humana desde a origem, mas excepcionalmente capaz de a transfigurar, graças a indivíduos dos quais cada um representa, como o teria feito o aparecimento de uma nova espécie, um esforço de evolução criadora (BERGSON, 2005, p. 90).

A moral, portanto, bebe em fonte viva. Ela conta a história de como a vida se viu obrigada a encontrar alternativas para contrabalançar o desequilíbrio causado pela inteligência na sua adaptação. Ao gerar representações que nos impedem prosseguir na existência, a inteligência se vê repleta de recursos criados pela natureza para que o homem se apegue à vida, para que mesmo com toda a margem depressiva e desencorajadora que possamos pensar o mundo, ainda assim, tendamos a aspirar ao alento do élan vital que nos fez obras primas da natureza, entre as formigas e os deuses. Assim sendo, de acordo com Bergson (2005, p. 94), “toda a moral, pressão ou aspiração é de essência biológica”, ou seja, elas descem às raízes da natureza mesma, avançando até o princípio da vida que se manifestará, por um lado, em formas estáticas de moral e religião na luta pela sobrevivência da espécie, por outro, em formas dinâmicas que inclinam a humanidade para a abertura e a liberdade na criação de si mesma. Essa humanidade que se conquista a si própria através do esforço, portanto, humaniza-se pela força da emoção advinda de uma intuição metafísica que, no limite, impulsiona o homem à extrapolação do conhecimento científico, compreendendo-o em sua significação vital.

## **Referências**

- BERGSON, H. *As duas fontes da moral e da religião*. Trad.: Miguel Serras Pereira. Coimbra: Almedina, 2005.
- \_\_\_\_\_. *A evolução criadora*. São Paulo: Martins Fontes, 2009.
- \_\_\_\_\_. *O pensamento e o Movente*. São Paulo: Martins Fontes, 2006.
- \_\_\_\_\_. *A energia espiritual*. São Paulo: Martins Fontes, 2009.



- \_\_\_\_\_. *Memória e vida*. São Paulo: Martins Fontes, 2011.
- \_\_\_\_\_. *Ensaio sobre os dados imediatos da consciência*. Lisboa: Edições 70, 1988.
- CAEYMAEX, F. La société sortie des mains de la nature. In: *Annales bergsoniennes V*, Paris: Puf, 2012, p. 311-333.
- DELEUZE, Gilles. *Bergsonismo*. São Paulo: Ed. 34, 1999.
- GOUHIER, H. « Je le travaille les mystiques... » In: *Bergson dans la histoire de la pensée occidentale*. Paris: J. Vrin, 1989.
- LEOPOLDO E SILVA, F. *Intuição e discurso filosófico*. São Paulo: Ed. Loyola, 1994.
- PHILONENKO, A. *Bergson ou la philosophie comme science rigoureuse*. Paris: Le Cerf, 1994.
- RIQUIER, C. Les deux sources de la morale et de la religion et le primat de l'éternité. In: *Arqueologie de Bergson*. Paris: Puf, 2009.
- WORMS, F. Os dois sentidos da vida para o homem. In: *Bergson ou os dois sentidos da vida*. São Paulo: Ed. Unifesp, 2010.